

PAULO FREIRE – MAIS DO QUE NUNCA: UMA BIOGRAFIA AO ‘PÉ DO OUVIDO’

Angela Santi*

Resenha de: KOHAN, Walter. *Paulo Freire: Mais que nunca. Uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019

Alguns livros têm o valor de dialogar com sua época, de contemplarem o tempo. O livro *Paulo Freire – mais do que nunca – Uma Biografia filosófica*, de Walter Kohan, é um livro ‘encarnado’, que solicita uma certa disponibilidade do leitor para uma escrita afetuosa, tornada urgente em função do momento no qual estamos imersos. Trata-se de uma biografia “na primeira pessoa”, onde o autor se coloca, implica-se no texto. Uma escrita que conversa tanto com Paulo Freire quanto com o leitor; uma tessitura que se faz com as pessoas e com o tempo – fazendo falar muitas épocas, a de Freire, a nossa, as que estão entre elas, as que virão. A obra torna porosos o pensamento e a vida do educador pernambucano (como nomeia Kohan), para que ele possa compor novos ‘agenciamentos’, tecer conexões atualizadas através do tempo presente, no contexto político em que o livro é, não só escrito, mas lido; faz dialogar nosso tempo-espço com o de Paulo Freire (ontem, aqui, no Brasil, com a ditadura que fez de Freire um exilado, indo para o Chile, a partir de 1964, e hoje, com toda a América Latina em ebulição). O livro é uma conversa pulsante entre a vida e obra de Paulo Freire e o agora; entre os exílios e as errâncias do educador pernambucano e o

nosso, exílio de pertencimento, exílio de mundo.

O livro tem como “contexto gerador” (!?) o momento infame em que nos encontramos, em que Paulo Freire, um autor “lido por milhões”, cuja vida-obra está “inscrita(s) no imaginário pedagógico do séc. XX” (KOHAN, p. 17), é desqualificado, distorcido, em seu próprio país. O *modus operandi* que inverte e corrói o valor de Freire é sintoma de todo o processo de inversão no campo da linguagem e da realidade que ocorre no país. Assim, as torções e distorções feitas com relação à sua vida e obra marcam a condição necropolítica¹ (“como política da/para a morte”) na qual nos encontramos, de desvalor à vida, à dimensão amorosa como condição de uma vida coletiva, comunitária, à corrosão dos vínculos e das potências geradoras e criadoras da vida. Assim, o contexto no qual se dá a ultrajante desqualificação de Freire é onde se dá a rejeição à possibilidade de outras formas de vida e conhecimento que irrompem no Brasil e no mundo (associadas à reivindicação de uma vida descolonizada, não eurocêntrica, não branca, não (hetero) normativa, etc.).

Mas do que trata o livro exatamente? da educação como ato político, da defesa de que educar é uma ação política. O livro se debruça sobre a especificidade do valor polí-

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: carinadebeltrao@gmail.com.

¹ Tal como expõe Achille Mbembe, em seu livro *Necropolítica*

tico do educar e é dividido em 5 princípios (inícios, como diz o autor), 5 “afetos geradores”, que são os de vida, igualdade, amor, errância e infância, duas entrevistas, que abrem e fecham o livro (a do filho Lutgardes, no início, e a de uma amiga, Esther Grossi, ao final), além de um epílogo crítico e um apêndice que trata de Paulo Freire e filosofia com crianças. Nestes ‘inícios’, autores são chamados a potencializar o pensamento de Freire. Assim, Sócrates, Foucault, Rancière/Jacotot produzem um diálogo de tensão e expansão do pensamento de Freire, para pensar “uma outra educação”, não tanto em termos de princípios, mas de “(...) disparadores para questionar o sentido e o valor do que fazemos, politicamente, quando educamos” (KOHAN, p. 30)

Kohan pensa, em VIDA, aproximações e diferenças entre Paulo Freire e Sócrates, através de uma pedagogia da dúvida, da anterioridade e da prevalência da vida sobre o conhecimento - “é a vida que leva à teoria” (KOHAN, p. 80), além de em ambos encontrarmos uma existência que se faz problema filosófico; em outra tradição, Foucault e Freire encontram-se, não sem tensão, na concepção da filosofia como forma de vida, como “estética da existência”, a filosofia como problematização da vida (KOHAN, p. 68). Por fim, Marx, com sua crítica à filosofia especulativa e afirmação do pensamento como forma de libertação dos homens e transformação do mundo, dialoga com Freire, em sua crença em uma sociedade que pode “ser de outra forma”, sem opressores e oprimidos.

Em IGUALDADE, nosso biógrafo traz Rancière, e sua igualdade das inteligências, para afirmar que “em termos do que pode

uma vida, toda as vidas são iguais” (KOHAN, p. 81). Resgatando a experiência de Jacotot, resgatada por Rancière, Walter o aproxima de Freire, na medida em que ambos são profundos defensores da emancipação: intelectual, em Jacotot, social, em Freire. Em AMOR, a dimensão amorosa de Freire é acentuada, mostrando a condição erótica de sua vida e sua pedagogia como elemento “irrenunciável” em toda a sua trajetória. O amor como condição fundadora da vida, dos vínculos, em geral e, em Freire, condição para a educação que, sendo amorosa, se faz pela abertura e diálogo, necessitando do outro como sua possibilidade para existir: “amar o mundo comum a partir da relação pedagógica, (KOHAN, p. 130)” , como forma de “compartilhar o mundo com outros e outras (KOHAN, p. 132)”.

Em ERRÂNCIA, o viajar, o deslocar-se, é colocado como valor pedagógico e como forma de viver, em que se viaja para compor com o não familiar, que é a base de uma educação política que coloca o corpo na experimentação de outros possíveis, para perceber e propor que “o mundo e as vidas que o compõem podem ser de outra maneira (KOHAN, p. 155)”. Em INFÂNCIA, Kohan percorre a infância de Freire trazendo o processo de sua própria alfabetização junto a seus pais, acontecendo de forma afetiva e significativa; além disso, a infância também é apresentada como força política, como “uma força reinventora de mundo (KOHAN, p. 190)”, como forma de toda a educação.

Sendo esta sua estrutura central, o livro é uma biografia em texto e, também, em imagem. No centro do livro, temos um conjunto de 20 imagens, que apresentam uma cronologia da vida e do trabalho realizado por

Freire nos círculos de cultura, em programas de alfabetização dentro e fora do Brasil, ilustrações de/sobre Freire, livros e instituições que carregam seu nome e sua presença viva hoje, através da pintura, em uma atividade de resistência das universidades contra os cortes na educação, em 2019². Essas imagens nos remetem ao fato, pouco ressaltado, de que seu processo de alfabetização tinha as imagens como elemento relevante. Para começar a dinâmica de assenhramento do código do texto, Freire lançava mão de imagens que eram apresentadas para que seus educandos partissem daquilo que compõe seu mundo³. Para a análise da ideia de cultura (a ideia do homem como construtor da realidade social), Freire pediu a seu amigo Francisco Brennand dez pinturas que foram feitas para que o processo de “leitura” (da palavra, do mundo) pudesse se dar em sua materialidade.

² Obra “Nosso patrono é gigante”, Praça XV, 15/5/2019 (p. 122)

³ A inspiração para o método de Freire veio de seu filho mais novo, Lutgardes, com 2 anos de idade, ao fazer a “leitura da palavra Nescau”. O menino associava a imagem e a pronúncia de Nescau, que vira na propaganda da televisão, com a palavra inscrita num painel de propaganda de rua desse alimento que ele conhecia. Desse modo, o menino fazia a relação apreendida e aprendida através da televisão, entre a imagem e o som, e a percepção baseada na capacidade própria da consciência humana de desvelar a palavra conhecida, mas escrita em outro contexto”. A partir desta situação, Paulo constrói seu método de alfabetização de adultos (ARAÚJO FREIRE, 2006, 337, in: VIECILI, G. *Compreensões sobre a Alfabetização*, Dissertação de Mestrado, Ijuí, UNIJUI2009).



<http://vifalahomenageiapaulofreire.blogspot.com.br/p/dilalogos-com-brennand.html>

Afirma o educador pernambucano: “pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, a característica dos estados de procura, de invenção e de reivindicação (Freire, p. 104). Nesse sentido, lembro aqui, a título de enriquecimento deste aspecto do trabalho de Freire, da obra de Jonathan de Andrade, na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, e sua obra, “Educação para Adultos”, feita da mistura de cartazes da época de Freire (1971) e de “hoje” (2010), enfatizando a relação de texto e imagem, palavra e imagem. Cada “cartaz” apresenta uma espécie de elemento mínimo de realidade, permitindo que, a partir dela, sentidos possam ser construídos, além do próprio trabalho de alfabetização.



<http://donttouchmymoleskine.com/educacao-para-adultos/>

Fazer jus a um autor é incluí-lo, “imerso-lo”, em tempos e condições novas e diversas, para com ele dispor, compor e opor (para com ele compor, para com ele decompor...). A trajetória de Paulo Freire nos estimula a um comprometimento semelhante, na postura, mais do que exatamente nos aspectos conceituais ou metodológicos. Assim, nossos desafios agora, frente a uma sociedade em convulsão, a subjetividade em tempos de “luzidez”, de aceleração e de “hiperatividade (no sentido de Türke) são também os de pensar a partir das “subjetividades entediadas”, esgotadas frente às demandas ininterruptas das novas tecnologias, de uma “*pedagogia del aburrido*” (Cristina Correa e Ignacio Lewkowicz)⁴, de um momento “pós-imunológico” (Chung-Han)⁵, em que a opressão (externa/das classes dominantes) não é suficiente para explicar a adesão à necropolítica à qual nos submetemos (mais ou menos) espontaneamente. O profundo engajamento de Paulo Freire com seu tempo, é também o convite de igual postura frente ao nosso. Freirear! Assim, precisamos nos colocar novamente as perguntas: que tempos são esses? qual o sentido da educação hoje, em tempos de tédio e dispersão? quais são hoje as questões, reflexões e ações que justificam o pensar lúcido e o comprometimento ativo de nós professores, acadêmicos, estudantes e pesquisadores? Afetos e sentidos que precisam habitar a educação, como forma de afirmar o que nos tem faltado, acolhendo a nós, nossas inquietações e

angústias para construir uma *pólis* em que estejamos presentes de forma mais potente, cuidadosa e dedicada.

Enfim, trata-se de estabelecer uma conversa que podemos construir com o texto que agora temos em mãos, uma conversa que guarde um vagar e uma atenção àquilo que chega sem gritarias e agitações, mais lento e mais cuidadoso (mais amoroso?!). Esse é o desafio, esse é o porvir, produzir as questões e os métodos que nos tornarão fiéis a nosso tempo, assim como o fez Freire. Assim como faz Kohan, ao nos recolocar no centro das questões e da vida de Paulo Freire, ao propor uma conversa com seus e nossos desafios, com o compromisso de uma postura engajada e amorosa entre nós. O livro de Kohan, pela forma como é escrito, rigorosa e afetiva, nos coloca em diálogo conosco e com nossos parceiros de tempo, neste ‘tempo de agora’, e nos tempos que se iniciam a todo momento, de forma a nos aproximarmos para pensarmos e construirmos juntos, juntas. Um diálogo, enfim, delicado, próximo, em voz baixa... ao pé do ouvido.

⁴ em *Pedagogía del aburrido: escuelas destituídas, familias perplejas*.

⁵ Em *Sociedade do Cansaço*.

Referências

- ARAÚJO FREIRE, 2006, 337, in: VIECILI, G. **Compreensões sobre a Alfabetização**, Dissertação de Mestrado, Ijuí, UNIJUÍ, 2009
- CHUL-HANG, B. **Sociedade do Cansaço**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017
- CORREA, C, LEWKOWICZ, I. **Pedagogía del aburrido**: escuelas destituídas, familias perplejas. Buenos Aires: Paidós, 2004
- FREIRE, P. **Educação como Prática para a Liberdade**. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974
- KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca**: Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Ed. Vestígio, 2019
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019
- TURKE, C. **Hiperativos** – Abaixo a Cultura do Déficit de Atenção. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016

Recebido em: 02/03/2021

Aprovado em: 05/04/2021